

APRENDER COM E NA NATUREZA: CAMINHOS PARA O DESEMPAREDAMENTO DOS ESTUDANTES NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DO BRASIL

Tamires Rodrigues da Silva ¹

RESUMO

O presente estudo reflete sobre a educação integrada à natureza como estratégia pedagógica para o desemparedamento dos estudantes — conceito que compreende a superação dos limites físicos e simbólicos impostos pelo ensino exclusivamente em espaços fechados. Fundamentada nos princípios da Educação Baseada na Natureza (EBN), que reconhece o meio natural como ambiente vivo de aprendizagem, interação e desenvolvimento integral, esta pesquisa tem como objetivo analisar práticas que promovam uma aprendizagem contextualizada e sensível às necessidades dos estudantes da educação pública brasileira. Parte-se do entendimento de que o contato frequente com a natureza estimula a autonomia, a curiosidade, a criatividade e o engajamento socioambiental, fortalecendo vínculos com o meio natural e ampliando a conexão com os ecossistemas. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com análise descritiva de práticas pedagógicas observadas no âmbito do Programa Escolas Baseadas na Natureza, promovido pelo Instituto Motiva, Instituto Crescer e Instituto Alana. Destaca-se que a EBN contribui para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e comprometidos com o cuidado ambiental desde a base, impulsionando um processo educativo que ultrapassa os muros da escola. Ao reconhecer a importância de integrar a Educação baseada na Natureza no currículo e espaço escolar, evidencia-se a necessidade de políticas públicas e ações coletivas que incentivem o uso com intencionalidade educativa de espaços naturais como extensão fértil da sala de aula — como laboratórios vivos e territórios do brincar e aprender com e na natureza. Mesmo em contextos onde as escolas são totalmente concretadas, existem caminhos possíveis para essa integração por meio de estratégias acessíveis, articuladas e de mobilização educativa.

Palavras-chave: Educação; Natureza; Aulas ao ar livre; Desemparedamento; Pátios Naturalizados.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea enfrenta o desafio de repensar seus espaços e metodologias para além da sala de aula, de modo a favorecer experiências de aprendizagens mais significativas (David, 2015). Nesse contexto, a integração da

¹ Mestra, licenciada pela pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Pernambuco, tamires.rodriques@ufpe.br



natureza ao processo pedagógico emerge como um caminho potente para o chamado de emparedamento dos estudantes, compreendido como a superação das barreiras físicas e simbólicas que restringem o aprendizado a ambientes fechados (Barros, 2025). Inspirada nos princípios da Educação Baseada na Natureza (EBN), essa perspectiva reconhece os espaços naturais como territórios vivos de aprendizagem, capazes de estimular a autonomia, curiosidade, criatividade, potencializar o desenvolvimento motor, sensorial e emocional, proporcionando bem estar, despertando afetividade, senso de pertencimento e respeito aos ciclos da natureza (Moser, 1998).

Considerando a realidade da educação pública brasileira, marcada muitas vezes por estruturas escolares limitantes e pouco acolhedoras (Satyro, 2007), é urgente refletir sobre abordagens que possam, de fato, impulsionar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, tornando-a significativa. Nesse sentido, pensar a natureza como aliada pedagógica não se trata apenas de transferir a sala de aula para o espaço externo, mas ressignificar a relação dos estudantes com o meio natural, superando o déficit de natureza e combatendo o racismo ambiental nas escolas, que abrange a ausência de espaços naturais em unidades de ensino em espaços periféricos, por exemplo (Satyro, 2007).

A Educação Baseada na Natureza, segundo o Instituto Alana, é uma abordagem que propõe incluir mais natureza e soluções que nela se baseiam no espaço escolar e práticas educacionais (Miranda, 2024). A EBN surge como uma frente capaz de ampliar horizontes e fortalecer a formação de sujeitos sensíveis, críticos, vinculados à natureza e engajados na conservação dos ecossistemas. Segundo especialistas, o contato frequente com a natureza possibilita vivências concretas que favorecem a construção de valores estruturantes, estimulando o cuidado, solidariedade e sustentabilidade (Bôlla, 2019).

Com base nesse entendimento, o presente estudo busca analisar práticas pedagógicas que propõem incluir a natureza como extensão viva da sala de aula, tendo como campo de análise o programa Escolas Baseadas na Natureza, promovido pelo instituto Motiva, em parceria com o Instituto Crescer e Instituto Alana. O objetivo é refletir sobre como o instrumento de formação continuada de professores(as) pode consolidar caminhos de ampliação da conexão das escolas públicas brasileiras com a natureza, sobretudo no cenário atual da crise climática que afeta o funcionamento escolar.

METODOLOGIA



A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, voltada para a análise dos conteúdos pedagógicos adotados no programa Escolas Baseadas na Natureza. Essa escolha metodológica justifica-se pela necessidade de compreender os significados e intencionalidades atribuídas para além dos elementos formais presentes nos materiais pedagógicos, buscando as dimensões subjetivas, simbólicas e contextuais que atravessam sua materialização.

Nesse sentido, o estudo estruturou-se a partir de uma análise descritiva da jornada formativa oferecida pelo programa em epígrafe. Foram acompanhadas as cinco aulas que a compõem, com foco em compreender os pressupostos teóricos e práticos que orientam a construção da experiência educativa. A análise concentrou-se na identificação de como os conteúdos dialogam com as vertentes da educação ambiental e da pedagogia da natureza, bem como nos modos pelos quais esses aspectos são mobilizados para favorecer a construção de uma educação integral, conectadas aos territórios e seus ecossistemas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das cinco aulas que compõem a jornada formativa do programa, a primeira foca no conceito da EbN, apresentando as fontes que dialogam com ela, a Educação Ambiental e a Educação Integral. A compreensão conceitual traz a clareza de que essas duas abordagens, quando articuladas, fortalecem a construção de práticas pedagógicas integradas à natureza, capazes de promover aprendizagens significativas e ao mesmo tempo, promover bem estar, resiliência climática e fortalecimento de vínculos afetivos com o ambiente natural, ampliando repertórios e visão crítica.

A Educação Ambiental, sobretudo a partir da Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999), busca fortalecer a construção de conhecimentos sobre as questões ecológicas e socioambientais, impulsionando a participação social e o compromisso individual e coletivo na conservação da natureza. A Educação Integral se insere neste diálogo, defendida por pensadores como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire, entendendo a formação humana como algo que vai além do cognitivo, incluindo a dimensão social, cultural, emocional etc.

Subsequentemente, na segunda aula, o conceito de “desemparedamento”, e a noção de Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), criado por Richard Lou, e as



proposições práticas de aprender com e na natureza são apresentadas como fundamentos que reforçam a importância de compreender os espaços educativos para além da sala de aula. Nesse contexto, há uma perspectiva de ruptura com a lógica de confinamento da aprendizagem, o qual o TDN alerta para os impactos psicossociais, cognitivos e motores do distanciamento da experiência direta com o mundo natural (Martins, 2022). Ao integrar tais perspectivas, aproxima-se dos saberes indígenas, que historicamente reconhecem a natureza como parte constitutiva da vida, da identidade e da ancestralidade resgatando valores de cuidado, reciprocidade positiva e pertencimento.

A terceira aula e quarta aula, respectivamente, foca no impacto da crise climática nas escolas e como a EBN se insere nesse diálogo promovendo Soluções baseadas na Natureza (SbN) a partir da naturalização dos espaços escolares, inclusão e ampliação das aulas ao ar livre e outros projetos, como jardins de chuva, que contribuem diretamente para redução de alagamentos, atenuação de ilhas de calor, etc. Ao relacionar os pressupostos teóricos da Educação Ambiental crítica e da pedagogia da natureza com a EbN, as respectivas aulas apresentam conteúdos que direcionam educadores(as) a repensarem o papel das escolas, suas estruturas e suas práticas frente aos desafios socioambientais e de déficit de natureza na vida dos estudantes.

Mais do que transmitir informações, impulsiona a articulação intersetorial entre escola, comunidade, poder público, empresas privadas e organizações da sociedade civil como meio de viabilização de projetos mitigatórios e de retomada do vínculo dos estudantes com a natureza. Além disso, fomenta práticas por meio de metodologias ativas de aprendizagem que incorporem estratégias e instrumentos educativos valorizando a naturalização dos espaços, uso das áreas ao ar livre como ambientes de aprendizagens, fortalecendo diretamente a relação teoria-prática.

Paulo Freire defende que a relação entre teoria e prática é indissociável e constitui um dos pilares de sua pedagogia. Para ele, o conhecimento não pode ser reduzido a um acúmulo de informações deslocadas da realidade, mas precisa ser vivido, experienciado e refletido a partir da prática social. Nesse sentido, a prática sem teoria corre o risco de tornar-se mero ativismo, enquanto a teoria sem a prática se converte em verbalismo (Freire, 1979).

Esse movimento dialético entre teoria e prática é denominado por Freire de práxis, compreendida como a ação e reflexão sobre as coisas do mundo para, então, transformá-lo. Isso não significa que a teoria não é um fim em si mesma, mas ganha sentido na medida em que se articula com a prática social e política (Freire, 1980). Tal



perspectiva rompe lógicas da educação bancária, que trata o estudante como receptor passivo, e abre caminhos para uma educação libertadora, em que o aprender implica problematizar e experienciar a realidade, o ambiente (Freire, 1980).

Retomando, e por fim, a quinta aula da jornada formativa realiza uma retomada das aulas anteriores, demarcando os principais pontos da Educação Baseada na Natureza (EBN). Esse desfecho tem implicação estratégica, a síntese atua como um espaço de sistematização, em que se resgatam os caminhos percorridos e se projetam novas possibilidades de pensar a práxis e o espaço escolar tendo à natureza como aliada. Desta forma, infere-se que a jornada formativa, do ponto de vista técnico do conteúdo, possibilita não apenas a ampliação do repertório conceitual da EBN, mas, sobretudo, o fortalecimento de uma compreensão crítica e prática para o trabalho docente.

A seguir, a imagem ilustra a capa das cinco aulas, apresentadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do Programa Escolas Baseadas na Natureza.

Figura 1. Cinco aulas, apresentadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)



Fonte: Programa Escolas Baseadas na Natureza, 2025.

Cada participante, ao navegar pelo AVA, tem acesso aos conteúdos dispostos em uma sequência didática, permitindo explorar os materiais disponibilizados. O ambiente virtual oferece a flexibilidade de realizar a formação de acordo com o próprio ritmo e tempo de cada participante, garantindo autonomia no processo de aprendizagem com tutoria e suporte técnico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A análise da jornada formativa no âmbito do Programa Escolas Baseadas na Natureza evidencia que a integração da natureza ao processo educativo representa uma estratégia potente para o desemparedamento dos estudantes. As cinco aulas demonstraram que práticas estruturadas e intencionais, fundamentadas nos princípios e dimensões da Educação Baseada na Natureza (EBN), contribuem para o desenvolvimento integral dos estudantes estimulando a autonomia, curiosidade, criatividade, engajamento nas questões socioambientais, dentre outros.

Do ponto de vista de sua natureza enquanto formação continuada de professores(as), a jornada do programa em epígrafe se mostra como uma oportunidade estratégica para fortalecer a prática docente de forma crítica, articulada, acessível e reflexiva. Ao articular teoria e prática, os educadores(as) são provocados a problematizar suas rotinas pedagógicas, repensar o espaço escolar e integrar a natureza como aliada educativa, permitindo ampliar repertórios conceituais obtendo *insights* inovadores para planejar e implementar aulas que promovam o fortalecimento de vínculos com o ambiente natural, engajamento nas questões socioambientais e qualidade de ensino-aprendizagem.

Por fim, os resultados deste estudo indicam a necessidade de continuidade e expansão do Programa, assim como políticas públicas que promovam a Educação Baseada na Natureza, integrando-a na Base Comum Curricular (BNCC) de forma direta e em diálogo com transversalidade da Educação Ambiental, uma vez que ambas convergem em torno de objetivos comuns, com a formação de sujeitos críticos, sensíveis, engajados, vinculados e pertencentes a essa terra que nos acolhe desde sempre.

AGRADECIMENTOS

Saudações a todos e todas envolvidas no programa Escolas baseadas na Natureza, promovido pelo Instituto **Motiva** em parceria técnica com o Instituto **Crescer** e Instituto **Alana**.

O Instituto Motiva é “uma entidade que promove transformação social por meio de projetos relacionados aos focos estratégicos de Educação, Cultura, Saúde e Segurança, Mobilidade e Cidades Sustentáveis” (MOTIVA, 2025).



O Instituto Crescer se constitui como um “laboratório de criação e implementação de projetos sociais que, atuando em ambiente inovador, promovendo a transformação social” (CRESCER, 2025).

O Instituto Alana “trabalha com programas próprios, projetos e parcerias para, assim, garantir condições para o desenvolvimento integral da infância em seus diferentes espaços de vivência” (ALANA, 2025).

É importante reconhecer o papel dessas instituições, que contribuem para uma educação pública de qualidade, sobretudo diante aos desafios estruturais e sistêmicos enfrentados pelas escolas brasileiras, pela pertinência da temática diante a crise climática, déficit de natureza e da necessidade de repensar o espaço escolar e as práticas pedagógicas tendo à natureza como aliada.

Um agradecimento especial ao **Instituto Crescer** e à equipe EbN, que atua com dedicação e comprometimento em frentes essenciais do programa. Brilham demais!

REFERÊNCIAS

DAVID, Célia Maria et al. Desafios contemporâneos da educação. 2015.

BARROS, Maria Isabel Amando de (org.). Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: Criança e Natureza – Programa Criança e Natureza. Acesso em: 19 ago. 2025.

BÔLLA, Kelly Daiane Savariz. A natureza precisa das crianças e as crianças precisam da natureza: a integração entre ecopsicologia e educação como um caminho para o bem-estar e a sustentabilidade. 2019.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática de libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980c.

INSTITUTO ALANA. Alana – um grupo de impacto socioambiental que promove e inspira um mundo melhor para as crianças. Disponível em: <https://alana.org.br/>. Acesso em: 04 set. 2025.

INSTITUTO CRESCER. Instituto Crescer – laboratório de criação e implementação de projetos sociais. Disponível em: <https://institutocrescer.org.br/>. Acesso em: 04 set. 2025.



INSTITUTO DA MOTIVA. Sobre o Instituto. Disponível em: <https://www.motiva.com.br/instituto/>. Acesso em: 04 set. 2025.

MARTINS, Thaís Presa. O dispositivo do Transtorno do Déficit de Natureza: um estudo sobre a importância do contato com a “natureza” para a saúde dos sujeitos. 2022.

MIRANDA, Fernanda. Educação baseada na natureza. Alana (alana.org.br). 10 maio 2024. Disponível em: <https://alana.org.br/tag/educacao-baseada-na-natureza/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MOSER, G. Psicologia ambiental. Paris: Universidade René Descartes, 1998. 3 v. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1998000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 02 jul. 2019, 21:16.

SATYRO, Natália; SOARES, Sergei. A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005. Brasília: IPEA, 2007.

